



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

**DA MAGIA AO RACIONALISMO:
PRÁTICAS E PERMANÊNCIAS DO TARÔ**

Victória Machado Guedes Procópio

Niterói - RJ

2017

VICTÓRIA MACHADO GUEDES PROCÓPIO

**DA MAGIA AO RACIONALISMO:
PRÁTICAS E PERMANÊNCIAS DO TARÔ**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado na Universidade Federal Fluminense como requisito para a conclusão do Bacharelado em Produção Cultural.

Orientadora:
Ana Lúcia Enne

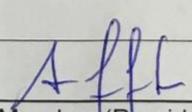
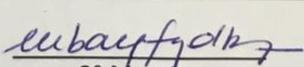
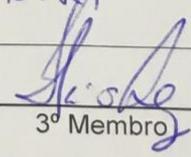
Niterói – RJ
2017



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: VICTORIA MACHADO GUEDES PROCÓPIO	Matrícula: 114 033 030
Título do Trabalho: "Da magia ao racionalismo: práticas e permanências do Tarô."	
Orientador(a): Dr^a. Ana Lúcia Enne	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 17/07/2018

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr^a. Ana Lúcia Enne
2º Membro: Dr^a. Marina Bay Frydberg
3º Membro: Dr^a. Flávia Lages

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário		
<p>A Banca destaca a escolha complexa de um tema complexo e pouco usual; a abordagem que buscou um diálogo interdisciplinar para o fenômeno do TARÔ; a boa escolha da bibliografia, que atendeu às normas acadêmicas da monografia. Requerida uma revisão para a entrega final, um investimento de material da apresentação. E, por fim, realça a beleza, a inovação e a criatividade da apresentação oral através do Banho de Banhos Julokjones a Jornada da própria Monografia.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):		
9,0 (Nove)		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

À todas as bruxas que já cruzaram meu caminho e, com suas forças e sensibilidades, atravessam minhas jornadas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos grandes professores e professoras que tive ao longo da faculdade por procurar, de alguma forma, sair de um lugar de dominância de poder e saber para tornar o aprendizado horizontal e com grande possibilidades de diálogo.

Às grandes mestras que aceitaram ler esse trabalho e fazer parte da banca de avaliação, Flávia Lages e Marina Frydberg, sou grata pelas potências de suas sabedorias e o poder de suas vozes; um grande salve, também, ao professor João Domingues por suas eloquências eruditas e suas irreverências.

Agradeço em especial à minha orientadora e professora Ana Enne, pelas melhores aulas, histórias e crônicas. Por ter levado tanta fé em mim e na minha pesquisa. Obrigada pelas aulas, desconstruções, desconfortos e todas as fraturas e atravessamentos sobre construções sociais e alteridade.

Aos amigos e amigas que entraram comigo em Produção Cultural e aos companheiros e companheiras de outros períodos, por todas as conversas, aulas e sofrimentos compartilhados; às trocas dentro e fora do ambiente acadêmico. Sem vocês essa experiência não teria sido incrível como foi.

Uma enorme gratidão à Luiza Alexander, que acompanhou essa jornada com tanto amor, carinho, companheirismo e amenizou estresses, choros e inseguranças. Obrigada por segurar a minha mão e me levar sempre além.

Agradeço também a minha família, à minha avó e meu avô, por me fazer ser quem eu sou e permitir ser quem eu quero ser.

À minha mãe pelas grandes histórias e magias compartilhadas; a todas as tentativas, erros e acertos. Amo você.

Às minhas tias: Carolina Guedes, obrigada pelas revisões tão detalhadas e atenciosas; Helena Guedes, pela ajuda na produção e formatação do produto que essa pesquisa gerou. Agradeço também à Paula Damazio pelos impulsos necessários.

E Vitória Sodré, “irmãdrasta”, obrigada pela criatividade e disponibilidade em me ajudar e a ouvir com carinho e determinação minhas ideias complexas.

Ao Universo e suas energias que me trouxeram até aqui.

“For centuries, the dominant culture has persecuted anyone who dares to be different. The gentle healers, the midwives, the queers, the loners, the wise elders, the pagans, the foreigners, the wild woman. Dissent is threatening to the status quo, especially when it’s shrouded in unfamiliar customs and the mysterious sacred feminine. Those who seek to oppress and suppress us have always called us ‘witches’ to silence us. Now, we step out of the shadows, embracing this word and all it stands for.”

W.I.T.C.H¹ MANIFESTO

Durante séculos, a cultura dominante persegue qualquer um que ousa ser diferente. As curandeiras, as parteiras, os estranhos, os solitários, as sábias anciãs, os pagãos, os estrangeiros, as mulheres selvagens. A dissidência é ameaçadora ao *status quo*, ainda mais quando é envolta em costumes que não são familiares e ao misterioso sagrado feminino. Aqueles que procuraram nos oprimir e nos suprimir sempre nos chamaram de ‘bruxas’ para nos silenciar. Agora, saímos das sombras, nos apropriando dessa palavra e a tudo o que ela representa.²

¹ W.I.T.C.H. é um projeto de ativismo feminista criado em 1968 em Portland, EUA. (Fonte: www.witchpdx.com)

² tradução livre própria.

RESUMO

O pensamento objetivo e racional rege a organização social humana há muitos séculos, entretanto, parte do imaginário de nossos antepassados era atravessado por pensamentos que criavam uma relação mágica e arquetípica com tudo o que nos cerca e nos influencia. A partir do século XV, os pensadores iluministas idealizaram esse *ethos*, essa ética de como viver a vida, que não permitia a participação dessa mentalidade mágica na construção do mundo moderno. A ideia do projeto é analisar, baseado no conceito de “desencantamento do mundo” de Weber, como os pensamentos mágicos e encantados foram de alguma forma abandonados na sociedade com o advento do racionalismo e o pensamento capitalista e como certas práticas são estigmatizadas e construídas na conjuntura cultural moderna; o Tarô será o objeto de estudo como prática mágica e seus praticantes como indicadores dessa tese na contemporaneidade.

Palavras-chave: Tarô (Tarot); Desencantamento; Magia; Estigma; Imaginário.

O TARÔ DO REENCANTAMENTO

Para a apresentação deste trabalho à banca examinadora, fugi um pouco das praxes acadêmicas, criando um baralho de Tarô que ilustra a história da minha monografia. Escolhi essa linguagem por se assemelhar às construções narrativas do Tarô convencional, por sair de um lugar racionalizado acadêmico e conduzir de forma lúdica as ideias que desenvolvi nesta pesquisa monográfica.

Seguem as imagens do baralho, com cartas que produzi em conjunto com Vitória Monteiro Sodré; designer e publicitária e em colaboração com o escritório de design Paprika; com habilidosas ajudas de Helena Guedes e Paula Damazio no design e na produção textual das cartas. As cartas são numeradas de I a XXI, contendo frente e textos explicativos no verso, além das cartas *v* e *A*, respectivamente representando “A Vitória” e “O Oráculo”.



ORIGENS

A primeira fila horizontal representa, assim como no Tarô, os “personagens principais” da jornada. Na transfiguração dos arquétipos do Tarô para os personagens da minha monografia; represento aqui a figura da Deusa, da Matriarca, do Patriarca, O Bispo, O Racional, A Disputa e O Desencanto, desenhando então a discussão que abordo no capítulo I da pesquisa, que desenvolvo um histórico das transições sociais da humanidade desde seu período de fortes misticismos a um período de

“desencantamento do mundo”, conceito esse cunhado por Weber, considerando tipos ideais, de destronamentos de certas vigências por outras.



CONFLITOS

Nesta segunda fileira trabalho conceitos trazidos no capítulo III; abordando conflitos de hegemonia, controles e fixidez de certas narrativas, acúmulos de capitais, opressões e resgatando no final, o indivíduo no cultivo de si, através de certos processos de desconstrução a caminho do autoconhecimento.



CONQUISTAS

Aqui, na última fileira do Tarô do Reencantamento, trouxe certas subjetividades e conclusões que vieram através do processo e dos desdobramentos da pesquisa, trago a carta da Bruxa, do Empoderamento, O Renascimento, A Balança, O Exu, A Encruzilhada e A Plenitude.



A Vitória e O Oráculo

Essas cartas representam a conquista da auto-representação e o lugar que ocupamos na história que construímos, ambos contêm este mesmo significado, porém com nomes diferentes. Essas figuras, heróis das próprias jornadas, se encontram e se ajudam no enredo, cada um com suas subjetividades e vivências, uma como mestre e outra como aprendiz.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Smaug representando A Torre da Destruição	28
Figura 2 – O Mapa da Jornada do Herói – Tarô de Marselha	29
Figura 3 – O Diabo	32
Figura 4 – A Morte	32
Figura 5 – Grupo 1	45
Figura 6 – Grupo 2	45
Figura 7 – Exemplos de cartas de baralhos ciganos	47
Figura 8 – O Louco.....	50
Figura 9 – O Louco de Rider Waite.....	50

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I - Da Magia à Ciência	14
I.I A Magia desencantada pela Religião	16
I.II A Religião desencantada pela Ciência	23
Capítulo II - O Tarô	26
II.I A Origem.....	27
II.II O Baralho.....	27
II.III Os Arcanos e seus Simbolismos.....	30
II.IV Permanências e Nova Era.....	32
II.IV.I Da Magia ao Racionalismo.....	32
II.IV.II O Profissional e a Distinção.....	33
Capítulo III - O Estigma	36
III.I O Conceito.....	36
III.II Práticas e Estigmas.....	43
Conclusão	49
Referências bibliográficas	52
Anexo	55

Introdução

Com esta pesquisa pretendo analisar historicamente o Tarô e qual o seu contexto atual: quem o pratica e de que forma isso é recebido pelo resto da sociedade, o que ele representa na busca pela auto-compreensão e o que podemos extrair de melhor disso; para isso precisei entender quem são os agentes por trás das leituras do tarô e compreender quais estigmas eles carregam com sua prática.

A prática do Tarô ao longo da história da humanidade foi constantemente diminuída por ideologias advindas de pensamentos racionais-científicos que degradam sua legitimidade como forma de conhecimento. Neste trabalho abordarei o tarô como prática mágica e mística e irei desenvolver como as narrativas a respeito desse conhecimento empírico e espiritual foi (re)construída, partindo de um viés histórico que acompanha as mudanças sociais ao longo de séculos. Para isso, dividi meu trabalho em três partes: capítulo I, que abordarei o processo de *desencantamento do mundo*, conceito cunhado por Max Weber, para tratar dessa perda de encantos que sofremos em nosso imaginário com a decadência da magia e do misticismo em função da ascensão do pensamento racional científico, pontuando ainda questões sobre o masculino e o feminino e como estes se encaixam na lógica do místico *versus* racional e suas implicações na forma de ver o mundo e agir diante dele. No capítulo II, aprofundarei as discussões a respeito do Tarô; suas origens, o baralho e seus arquétipos que busquei referências em livros como “Jung e o Tarô” de Sallie Nichols e, por fim, abordo como se dão as práticas culturais do Tarô, como se modificou e como ressurgem na contemporaneidade. Para a discussão contida no capítulo III a respeito de estigmatizações e disputas por significados, trago teóricos e tarólogos que respondam perguntas as quais, neste projeto, tive a pretensão de encontrar respostas; entre elas; quais seriam os estigmas que atravessam o tarô e suas práticas, por qual razão seu misticismo é considerado “bruxaria” e quais as reverberações que o uso pejorativo dessa nomenclatura trouxe.

Para a concretização desse trabalho utilizei como metodologia pesquisas de referências históricas, teóricas e bibliográficas e realizei um questionário aplicado com praticantes de tarô que tive contato através de minha rede pessoal e virtual, com ajuda de indicações de amigos. A vontade de estudar as práticas e permanências do Tarô surgiu de um encontro entre minha formação em Produção Cultural com a vontade de abordar conjunturas culturais e construções sociais, juntamente à minha vontade

particular de entender e compreender o ser humano inserido em sociedade, suas complexidades num viés psicológico e os desdobramentos pelo qual passa em sua jornada e as interferências que sofre pelo que está a sua volta.

A jornada mística do tarô representa a jornada de cada indivíduo diante das adversidades da vida e pela busca da auto-compreensão, e isso é deixado de lado na busca constante de explicações palpáveis e objetivas e na visão dualista do mundo, que estigmatiza e marginaliza o Tarô e suas potências. A análise do desenvolvimento racional sendo amplamente enaltecido pode nos trazer uma reflexão acerca de como compreendemos e moldamos o mundo e como atuamos em cima dele. O misticismo é uma forma de entrar em comunhão com a natureza e, principalmente, com nós mesmos. Tentar resgatar essa noção nos dias atuais pode ser uma forma de escapar às amarras de um sistema rígido, individualista e moralista que, sozinho, nos priva de uma experimentação total das facetas da vida.

CAPÍTULO I

Da Magia à Ciência

O tema abordado nesse trabalho é a forma como o Tarô é visto na contemporaneidade e, para isso, será dividido em 3 capítulos. No primeiro capítulo será feita uma análise da bibliografia em um contexto histórico de como as formas subjetivas de ver e entender o mundo foram embarceiradas da legitimação das formas de conhecimento e, posteriormente, como a magia e suas mitologias, práticas místicas e esotéricas, vertentes nas quais a prática do Tarô se insere, permanecem presentes.

O Tarô foi criado e funciona através dos chamados arquétipos, que são imagens simbólicas passíveis da compreensão (leitura) de todos os seres humanos. Esse tema será trabalhado no segundo capítulo, com maior aprofundamento na discussão a respeito de arquétipos e inconsciente coletivo e como essas formas de ver o mundo interferem na forma que o construímos. Aqui convergimos a ideia de arquétipo³ com a construção de mitos, sendo ambos formas de narrativas simbólicas, inseridos dentro do conceito apresentado por Heisig (1989) de *mitologizar*⁴. Já os mitos, como afirma Karen Armstrong, tratam “do desconhecido; fala a respeito de algo que inicialmente não temos palavras” (ARMSTRONG, 2005, p.5).

Sendo assim, os mitos são criações humanas que tentam explicar aquilo que não conhecemos, aquilo que não é palpável ao nosso conhecimento. Sal Randazzo, em seu livro *A Criação de Mitos na Publicidade* (1996), discorre sobre a imaginação pré-científica que gera a mitologia através da experiência intuitiva do mundo (mitopoética) e como o inconsciente é a máquina que movimenta toda essa criação diante dos mistérios do ser humano e da natureza. As mitologias, no que se refere a tradição ocidental, em sua grande maioria são associadas à Grécia antiga, região na qual foi desenvolvida a noção de humanidade e a percepção do ser humano como agente ativo na natureza, e a partir de então o homem busca explicar sua existência e o funcionamento da natureza. Uma das formas pelas quais ele cria isso é através

³ Símbolos presentes no que Jung chama de “inconsciente coletivo”, uma simbologia de experiências comuns a toda humanidade.

⁴ “...inclui todas as formas de ficção narrativa simbólica mostrando padrões recorrentes universais e coletivos de resposta psíquica às experiências da vida.” (HEISIG, 1989, p.194 *apud* RANDAZZO, 1996, p. 58)

das mitologias, nas quais o mito torna-se uma forma de discurso, “uma modalidade de significação” (BARTHES, 1957).

Randazzo apresenta quatro funções do mito: a **função mística**, que é a fascinação diante do mistério; a **função cosmológica**, que auxilia na compreensão do universo; a **função sociológica** do mito, que serve para dar apoio a uma ordem social criada; e, por último, a **função pedagógica** do mito exerce uma influência ou compreensão de como viver a vida diante dos acontecimentos. Sobre as funções do mito novamente recorremos a Karen Armstrong: “No mundo pré-moderno, a mitologia era indispensável. Ela ajudava as pessoas a encontrar sentido em suas vidas, além de revelar regiões da mente humana que de outro modo permaneceriam inacessíveis”. (ARMSTRONG, 2005, p.8)

Em sociedades mitopoéticas, como por exemplo nos diversos grupos indígenas norte-americanos dos anos de 1850, acreditava-se que a natureza e o homem fossem parte de uma mesma unidade e dentro de seu imaginário existia uma grande cumplicidade entre esses elementos, que eram descritos através de mitos. A afirmação de que as mitologias ajudam a entender quem somos no sentido de identidade, atuam individualmente em cada um de nós. As mitologias, ao atuarem em diversos níveis, são fontes inesgotáveis de conhecimento e esse conhecimento é sujeito a múltiplas interpretações. Sobre isso afirma Armstrong (2005, p.4): “Tanto a magia quanto a ciência ampliam os horizontes do ser humano (...) a mitologia, da mesma forma que a ciência e a tecnologia, nos leva a viver mais intensamente neste mundo, e não a nos afastarmos dele.”

A mentalidade científica substituiu a mitologia nas sociedades contemporâneas e o homem moderno enxerga a si como algo separado da natureza e dos animais, baseado na mitologia judaico-cristã, ele acredita que foi colocado aqui para usufruir destes “bens” (RANDAZZO, 1996, p.61). O mundo moderno, com suas tecnologias, desmitologizou e *desencantou* a sociedade. O conceito de *desencantamento do mundo*, de Max Weber, analisa as novas estruturas sociais com o advento da racionalização e da modernização, afirmando o que Randazzo diz sobre a perda de encantos no Ocidente.⁵ De acordo com Pierucci (2003, p.69), para Weber, o *desencantamento do mundo* refere-se a uma desmagificação na mentalidade social e

⁵ Para Weber, o Oriente permanece encantado, referindo-se à China e à Índia como “jardim encantado”. (Weber *apud* Pierucci, 2003)

na perda de sentidos na compreensão do mundo. Essas mudanças se deram em duas partes: 1) A magia desencantada pela religião e 2) a religião desencantada pela ciência.

A magia representa para Weber o momento anterior da religião, com nítida afinidade eletiva com o estado animista de uma humanidade imersa num mundo cheio de espíritos, não essencialmente bons nem essencialmente maus, apenas capazes de influir “favorável” ou “prejudicialmente” nos *affaires* humanos, povoando invisivelmente um universo concebido de uma forma não dual (pois dual é o mundo pensado pela religião).

Antônio Pierucci também cita Bourdieu ao falar desse processo de desencantamento da magia pela religião, que diz que esse processo é um “processo de moralização”, onde o pecado e culpa são instaurados, doutrinando aqueles que desejam se elevar aos céus pelo medo de passar a eternidade no inferno. É uma forma de dominação das classes, principalmente dos camponeses, estes que estavam em maior contato com o encanto, muito ligados aos mitos e fenômenos da natureza. “Weber tende a jogar a magia antes de mais nada para a vida no campo. Para a “natureza”, noutras palavras”, detalha Pierucci (2003, p.76).

Magia é coerção do sagrado, compulsão do divino, conjuração dos espíritos; religião é respeito, prece, culto e sobretudo doutrina. Sendo principalmente doutrina, a religião representa em relação a magia um momento cultural de racionalização teórica, de intelectualização, com nítidas pretensões de controle sobre a vida prática dos leigos, querendo a constância e a fidelidade à comunidade de culto. (PIERUCCI, 2003, p.70)

I.I. A magia desencantada pela religião:

Como vimos anteriormente a respeito dos mitos, eles eram uma forma de conhecimento e explicação do mundo. As práticas místicas e esotéricas funcionam

nessa mesma lógica subjetiva de compreensão do mundo e principalmente do *self*, em que, o Tarô atua com os arquétipos do inconsciente coletivo para falar com o consulente (aquele que se consulta com as cartas do tarô) sobre aquele momento terreno para uma reflexão autoconsciente.

Sobre a magia em si, vemos diversas vertentes que caracterizam o ato mágico. Muitos rechaçados ao adentrar na lógica moderna racional, os atos mágicos praticados por homens “de fé” não foram perseguidos durante a Inquisição, os ditos alquimistas, detentores de conhecimentos simbólicos e conhecimentos legítimos, ficaram acima do preconceito da magia que recaiu sobre as práticas das classes baixas e populares (pelo motivo de incitar revolta contra a ordem vigente a se formar), o que nos leva a observar dois tipos de magia, que João Ribeiro trata em seu livro “*O Que é Magia*”⁶, de 1982. O autor discorre sobre as diferenças entre “magia branca” compreendida como magia “tradicional europeia” enquanto diferencia as práticas mágicas trazidas pelo sincretismo religioso no Brasil, como matrizes africanas e indígenas tidas como “superstição” e reforçando um discurso de “magia negra”, que dentro do senso-comum é visto como magia maligna, obscura. Porém, Ribeiro mesmo diz que “A magia é uma necessidade inerente ao homem, que toma forma de liberdade, em contextos opressivos e repressivos”. Em nenhum momento Ribeiro aponta a questão de gênero dentro dessas práticas mágicas, apenas acentua a questão de raça.

Para reforçar a ideia tratada acima, Federici diz:

Na década de 1660, a caça às bruxas estava chegando ao fim, mas nas colônias inglesas (...) todos os tabus que rodeavam as bruxas e os demônios negros estavam sendo revividos, desta vez às custas dos homens negros. (FEDERICI, 2017, pp.216-218)

⁶ Ribeiro constrói um discurso racionalista dentro do próprio contexto sobre magia, se utilizando de referências exclusivamente masculinas e adotando um ponto de vista iluminista em cima de práticas mágicas.

Em seu livro, Ribeiro comenta que: “O fato de que o verdadeiro conhecimento mágico é considerado perigoso nas mãos do profano, é uma das razões para o segredo das práticas mágicas” (RIBEIRO, 1982, p.52), mas esse “segredo” vem de uma exclusividade elitista letrada, vinculada a uma lógica de estudo; assim como os estudos dos monges copistas, os únicos letrados da idade média, era tido em “segredo”; a prática mística, as quais, na posterioridade, foram relegadas ao oculto com a sua perseguição e rechaçamento do pensamento mágico ao decorrer do processo de legitimação de uma lógica racional-científica moderna.

Durante muito tempo, nas sociedades nômades e coletoras, onde imperavam lógicas de mitologias predominantemente femininas, os mitos, as crenças e as práticas místicas eram muito ligadas à natureza e seus ciclos, em que a mulher era força maior em encontro e semelhança com a terra. Rose Marie Muraro escreve a introdução histórica da reedição contemporânea do “*O Martelo das Feiticeiras - Malleus Maleficarum*”, livro escrito por monges da Inquisição como “guia de reconhecimento e caça às bruxas⁷”; e nessa introdução ela conta como o lugar sagrado da mulher junto à natureza foi domesticado e as sociedades matricêntricas compulsoriamente deram lugar à sociedade patriarcal como hoje a conhecemos.

De acordo com Muraro (1991) “enquanto as sociedades eram de coleta, as mulheres mantinham uma espécie de poder, mas diferente das culturas patriarcais, (eram) cooperativas e não havia coerção ou centralização, mas rodízio de lideranças e relações (...) mais fluidas”.

Enquanto nas sociedades matricêntricas (com a figura da mulher na dominação das formas subjetivas), a mitologia que representava a vida e a criação era feminina, contudo, essas representações se modificaram ao longo dos processos de transformação das sociedades, identificadas, por Muraro, em quatro estágios: o da coleta; o da caça, onde o homem ia conquistando cada vez mais sua posição central pelo uso da força; o desenvolvimento das armas e instrumentos sofisticados, onde o homem compreende a sua participação na função biológica reprodutora; e assim, a necessidade das sociedades serem sedentárias e fixarem-se no território com a lógica de cultivo e plantação da terra. Muraro descreve como as representações mitológicas acompanham essa evolução:

⁷ “A caça às bruxas alcançou seu ápice entre 1580 e 1630” (FEDERICI, 2017, p.297)

Na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém, Na segunda ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira, um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho. (MURARO, 1991, pp.8-9)

Seguindo essa transfiguração mitológica da gênese do mundo, segundo Rose Muraro, a primeira representação da deusa mãe pode ser encontrada no mito grego onde a criadora primordial é Gaia, a Mãe Terra que dá luz a todos os outros deuses e titãs, ou no mito Nagô, onde Nanã dá luz a todos os orixás. No segundo caso são deuses andróginos do hinduísmo que gera todos os outros deuses, e o yin e o yang, princípios feminino e masculino da mitologia chinesa.

Entre as mitologias do terceiro caso está a sumeriana, e mitos astecas:

A partir do segundo milênio a.C., raramente se registram mitos em que a divindade primária seja a mulher. Em muitos deles, estas são substituídas por um deus macho que cria o mundo a partir de si mesmos, tais como os mitos persa, meda e principalmente, acima de todos, o nosso mito cristão (...), (MURARO, 1991).

Ainda de acordo com a autora, “essas quatro etapas que se sucedem também cronologicamente são testemunhas eternas da transição da etapa matricêntrica da humanidade para sua fase patriarcal” (MURARO, 1991, p.8).

Em seu livro *“Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva”* de 2017, Silvia Federici relaciona a caça às bruxas como um propulsor ao fortalecimento da lógica capitalista, fundamentada ainda na Idade Média, e como essa repressão foi realizada para garantir a centralização do poder patriarcal sobre o corpo e a reprodução da mulher, garantindo as lógicas racionais e capitalísticas imperarem sobre os empirismos sociais, esses, advindos e difundidos nas classes populares.

Enquanto ritos sexuais da antiguidade estavam destinados a representar a fertilidade da natureza (...) as orgias medievais (sabá) constituíam em válvulas de escape para a satisfação dos desejos carnis frustrados ou reprimidos por exagerados e severíssimos conceitos religiosos, parte do aparato repressivo que congregava o Estado monárquico e a Igreja. (RIBEIRO, 1982, p.40)

A repressão da sexualidade foi um dos argumentos mais utilizados na época da caça às bruxas, além da perseguição por atos heréticos que muitas vezes consistia na liberdade feminina, na conciliação com a natureza e a utilização da natureza para cura – indo em contrassenso à medicina dominada por homens que se fortalecia nas universidades. Muraro (1991) diz: “o saber feminino popular cai na clandestinidade, quando não é assimilado como próprio pelo poder médico masculino já solidificado”.

Elas eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. (...) mais tarde elas vieram a representar uma ameaça (...) ao poder médico, que vinham tomando corpo através das universidades do interior do sistema feudal. Elas (as curandeiras) formavam organizações pontuais (...) as quais trocavam entre si os segredos da cura e do corpo e muitas vezes da alma (MURARO, 1991, p.14)

Outro motivo da caça às bruxas, que transforma as mulheres no principal foco de perseguição, em consenso entre estudiosos foi o fator histórico da presença das mulheres nas revoltas camponesas, elas “participaram das revoltas camponesas que precederam a centralização dos feudos os quais (...) dariam origem às futuras nações” (MURARO, 1991). Sobre isso, Silvia Federici aprofunda os estudos sobre as revoltas camponesas; a população camponesa contra os cercamentos realizados na Idade Média, fato que prejudicou a forma de vida da sociedade rural em que os camponeses, anteriormente, viviam nos campos em forma comunal. As mulheres foram as principais revoltosas contra o processo de tomada de terra da Igreja e do poder monárquico,

foram então perseguidas por incitar as revoltas e reclamar contra a centralização e autoritarismo puritano que se instaurava.

As mulheres foram as que mais sofreram quando a terra foi perdida e o vilarejo comunitário se desintegrou (...) assim que a terra foi privatizada e as relações monetárias começaram a dominar a vida econômica, elas passaram a encontrar dificuldades maiores do que as dos homens para se sustentar. (FEDERICI, 2017, pp.144-145)

Durante quatro séculos, foi sistematizada a repressão do feminino através da “caça às bruxas”, através da qual as mulheres eram perseguidas e levadas à fogueira por cometerem “atos heréticos”. De acordo com a Inquisição, os argumentos para a perseguição partiam da ideia do Demônio possuir a mulher através de seu corpo, instigando sua sexualidade e maus atos.

A religião católica e, mais tarde, a protestante contribuem de maneira decisiva para a centralização de poder [através] da Inquisição (...) visavam recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos mais ferozes excessos dos seus senhores, expostas a fome, à peste e à guerra se rebelavam. Principalmente as mulheres. (MURARO, 1991, p.14)

De acordo com Muraro (1991), o *Malleus Maleficarum* incita que:

- 1) O Demônio⁸, com permissão de Deus, procura fazer o máximo de mal aos homens a fim de apropriar-se do maior número possível de almas;
- 2) E esse mal é feito prioritariamente através do corpo, único “lugar” onde o demônio pode entrar, pois o espírito é governado por Deus;

⁸ A discussão sobre a própria superstição católica em cima da criação e crença na figura do Demônio e como esse arquétipo se alastrou até os dias atuais será tratado nos capítulos a seguir.

- 3) Esse domínio lhe vem através do controle e da manipulação dos atos sexuais;
- 4) Como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do Demônio (as feiticeiras).

(...) se nas culturas de coleta as mulheres eram quase sagradas por serem férteis e, portanto, eram as grandes estimuladoras da fecundidade da natureza, agora elas são, por sua capacidade orgástica, as causadoras de todos os flagelos a essa mesma natureza. Sim, porque as feiticeiras se encontram apenas entre as mulheres orgásticas e ambiciosas, isto é, aquelas que não tinham a sexualidade ainda normatizada e procuravam impor-se no domínio público, exclusivo dos homens. (MURARO, 1991).

Essa centralização do poder patriarcal foi conduzida pelos dogmas criados pela religião católica, na qual a figura do Deus macho impera, controla e reprime àqueles que fogem à sua norma moral e religiosa. O protestantismo entra nessa também, principalmente com a criação do *ethos* burguês que dá início ao processo de consolidação do capitalismo e o que posteriormente constrói a lógica racional científica que rechaça todas as práticas mágicas e místicas, para logo depois repelir a religião.

O Jardim das Delícias é a lembrança arquetípica da antiga harmonia entre o ser humano e a natureza. Nas culturas de Coleta não se trabalhava sistematicamente. Por isso os controles eram mais frouxos e podia se viver mais prazerosamente. Quando o homem começa a dominar a natureza, ele começa a se separar dessa mesma natureza em que até então vivia imerso. Como o trabalho é penoso, necessita agora de poder central que imponha controles mais rígidos e punição para a transgressão. É preciso usar a coerção e violência para que os homens sejam obrigados a trabalhar, e essa coerção é localizada no corpo, na repressão da sexualidade e do prazer. (MURARO, 1991, p.9)

I.II. A religião desencantada pela ciência.

As mitologias místicas e mágicas permeavam todas as classes, sem distinção, já que, segundo Bakhtin, os símbolos utilizados nas camadas populares e na “cultura oficial” continham enorme ambivalência, na qual existia uma crescente disputa pelos significados culturais. Mas, a partir da ascensão da burguesia, ocorre o “desencantamento do mundo”, conceito cunhado por Weber que explica esse processo de passagem do mundo feudal permeado por crenças metafísicas para o mundo capitalista que preza o conhecimento científico e a lógica racional para a explicação do mundo. Os pensadores que defendiam os ideais iluministas acreditavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante, substituindo as crenças religiosas e o misticismo que, de acordo com suas convicções, bloqueavam a “evolução” do “homem”. Esse processo constituiu uma domesticação/dominação da cultura popular, na qual esses modos subjetivos de conhecimento estavam altamente em vigência.

Com o advento da ciência, surge uma forma mecanizada de se ver o mundo, em contraponto à forma orgânica que antes imperava. Essa forma mecanizada legitimou a exploração da natureza e do corpo – o *disciplinamento do corpo*, como explica Foucault (FOUCAULT *apud* FEDERICI, 2004, p.252)⁹; a partir do momento em que a natureza pode ser calculada, ela pode também ser dominada. Essa premissa evidencia a segunda mudança social do desencantamento do mundo de Weber: a irracionalização da religião pela ciência, depois que a primeira substituiu a mentalidade mágica.

A dominação da natureza e do corpo se deu em um processo de mudanças sociais e culturais da transição do feudalismo para o capitalismo. Nesse processo, Weber também indica transformações sociais em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (2004), associando a construção da Reforma Protestante e seus dogmas como impulso para o pensamento e a lógica capitalista e o avanço da razão. A Reforma Protestante surge do embate com a Igreja Católica, que condenava a usura

⁹ “Na filosofia mecanicista se percebe um novo espírito burguês, que calcula, classifica, faz distinções e degrada o corpo só para racionalizar suas faculdades, o que aponta não apenas para a intensificação de sua sujeição, mas também para a maximização de sua utilidade social (FOUCAULT, 1977, pp. 137-138). Longe de renunciar ao corpo, os teóricos mecanicistas tratavam de conceituá-lo, de tal forma que suas operações se fizessem inteligíveis e controláveis”. (FEDERICI, 2017, p. 252).

e o lucro, legitimando, então, o trabalho e o acúmulo como verdades religiosas e dignas de serem alcançadas. A austeridade e a contenção de gastos criaram uma maneira de viver a vida que é denominado de *ethos* (ética) burguês, que lança mão desses hábitos religiosos para a vida particular, criando um ambiente particular propício para o desenvolvimento da lógica capitalista de fluxos econômicos.

Também foram noções do Protestantismo, que encadearam um pensamento lógico-racional, que vieram a ser adotadas pelos pensadores Iluministas do século XV, alavancando a ideia de razão como conhecemos da modernidade. Ao longo desse processo, vemos como diversas (re)construções de pensamentos antigos se deram para que a construção do capitalismo pudesse se consolidar junto a esse avanço racional. Podemos ver claramente essa dicotomia entre *Razão versus Emoção*, que acompanha outras como *Contenção versus Excesso*, se inserirem em diversas vertentes da vida social criando esse novo modo de viver a fim de atingir o “progresso” e a “evolução” humana, sendo a erudição, domínio de amplo vocabulário, o letramento e o acúmulo de saber, os mais altos valores dessa “etapa final” da “civilização”.

Podemos ver como essa mudança na mentalidade convergiu para o que hoje vemos na lógica de produção e lucro; como também de construções socioculturais com intuito de dominação e determinação de certos poderes sobre outros.

Em complemento ao estudo de Weber, Colin Campbell (1989) aborda a lógica romântica como uma forma cultural de resistência à cultura hegemônica – esta que trazia os conceitos racionais como única forma possível de conhecimento. Os românticos se colocavam contra o desaparecimento do repertório recheado de elementos da cultura popular, que, segundo eles, exprimia a necessidade do “cultivo de si”, um cultivo do espírito, que vai se perdendo com a lógica do cultivo material que surge com o *ethos* de vida burguês, aquele que preza pelo trabalho árduo com a finalidade da contenção e do acúmulo. Porém, o estudo de Campbell nos mostra como o romantismo acompanhou essa lógica do trabalho e como a busca por esse hedonismo “oculto” veio aparecer como consumo nos tempos moderno. Sobre a lógica do consumo Campbell escreve:

O consumidor moderno desejará um romance em vez de um produto habitual por que isso o habilita a acreditar que sua aquisição e seu uso podem proporcionar experiências que ele, até então, não encontrou na realidade. É possível, por conseguinte, projetar nesse produto algo daquele prazer idealizado que ele já experimentou nos devaneios, e que não pode associar àqueles produtos habituais que são atualmente consumidos. (CAMPBELL, 1989, p.130)

De acordo com Campbell, a lógica romântica nos leva a buscar um “prazer idealizado” por um “descontentamento com o mundo”. Esse descontentamento proveniente da lógica capitalista e da força da ânsia pelo trabalho faz com que busquemos algo para saciar nossa necessidade dentro de nossos “devaneios”, que nos leve ansiosamente por algo que nos complete. Campbell nos mostra que é através do consumo que liberamos essas angústias, porém, podemos ir além do consumo e inserir nessa busca as práticas alternativas como o Tarô, a astrologia, o Yoga; sendo elas práticas fora do tempo e da lógica do capital; que nos equilibram de forma a não levarmos nossa mente e nosso corpo ao ápice do *stress*, pelas angústias causadas pela cobrança das hegemonias de corpo, trabalho, sexualidades e dicotomias restritivas vigentes.

Após a abordagem de estudos que apontam como a lógica de dominação intelectual e simbólica se fortaleceu ao longo dos séculos nas mãos de uma normatização masculina, branca (primeiramente eurocêntrica) e racionalizada; nos próximos capítulos, respectivamente, vamos adentrar no universo do Tarot com suas cartas, arquétipos, história e práticas; e como foram construídas identidades e representações em uma lógica de dominação intencionada em construir uma ideia do “outro”, diminuindo sua capacidade simbólica, cultural, social e econômica em uma disputa pelo direito de significar.

CAPÍTULO II

O Tarô

“Portanto, contemplemos os símbolos. Observemo-los em movimento, ligando-nos às raízes mais profundas da nossa história e às sementes dos nossos eus não-descobertos” (NICHOLS, 1988, p.37)

A prática do *Tarot*¹⁰ foi escolhida como objeto de estudo nesse trabalho para exemplificar as estigmatizações decorridas de séculos de racionalização religiosa e iluminista às práticas esotéricas fundamentalmente mágicas e místicas. E, neste capítulo, irei evidenciar no que consiste o Tarô; divergências de seu surgimento, os simbolismos presentes em seus arcanos, o que são arcanos e os arquétipos que eles performam, como ele veio a ser o que é hoje, quem são as pessoas que procuram a prática do *Tarot*, quem o tem como ofício e como as cartas podem conversar tão bem com nosso consciente e inconsciente.

II.1 A Origem

O surgimento do Tarot até hoje gera divergências sobre sua origem, alguns dizem que foi criado no Egito, outros estudiosos, como Eliphas Levi, afirmam sua origem hebraica; em ambos os casos é possível conduzir sua trajetória até a Europa em algum momento durante as trocas comerciais e culturais entre as áreas da África, Ásia, oriente médio e o continente europeu. A única certeza que os estudiosos dão, diz respeito ao *Tarot de Marselha* que pode ser datado do século XV, em que podemos ver figuras ilustradas que assumem formas conhecidas daquele universo feudal. Temos o Imperador e a Imperatriz, assim como temos vestes de época e alguns indícios de representação Renascentista, movimento que resgatou conceitos do pensamento clássico grego, “com seu espírito dinâmico de experimentação, aventura e empreendimento” (SHARMAN-BURKE; GREENE, 1986)

Os diversos tipos de Tarô, amplamente utilizados, eram primeiramente utilizados como jogo de cartas e depois foram compreendidos com uma função

¹⁰ A forma escrita “T A R O T” vem acompanhada de um estudo que considera a própria palavra do objeto como um mantra, sem a possibilidade de sua tradução. *Porém, irei adequar algumas falas ao Tarot traduzido como Tarô.*

“divinatória”¹¹, o que veremos ser um equívoco do pensamento relacionado à prática do tarô.

II.II O Baralho¹²

O *Tarot* é considerado uma prática que visa o autoconhecimento, sendo uma prática alternativa¹³ aos processos terapêuticos convencionais, ampliando as possibilidades da percepção humana (NICHOLS, 1988). Ao tirar as cartas, o consulente, mediado pelo tarólogo¹⁴ ou tarotista¹⁵, é levado a repensar suas próprias questões e refletir mais profundamente a seu respeito a fim de que possa (re)orientar-se o melhor possível em face da dúvida presente (URBAN, 1992).

A respeito da prática de “adivinhação”, temos que considerar os estudos necessários para a compreensão total do *Tarot*. Nei Naiff (2012) se utiliza da expressão *achomancia* para indicar a fragilidade da adivinhação nas consultas às cartas, uma vez que temos o livre-arbítrio, é preciso tomar cuidado com o quão a sério você leva ou deixa de levar aquela informação contida nas cartas que configuram um momento ou fase em que o indivíduo que se consulta se encontra.

Dentro do universo do Tarô, o estudo das cartas, dos arquétipos e seus posicionamentos no jogo influenciam a forma como o mediador entre as cartas e o consulente vai ler e contar aquele jogo. Veremos mais adiante sobre a Percepção Racional e a Percepção Intuitiva, conceitos de Fátima Regina Tavares. Aqui, vou evidenciar as cartas do Tarô de Marselha (Figura 2), considerado um dos principais baralhos entre os praticantes de *Tarot*. Apesar dessa preferência ao Tarô de Marselha, existem cartas das mais diversas que foram produzidas anterior ao de Marselha e também posteriormente. A tese monográfica de graduação de Leonardo Arroniz (2014) aborda o fenômeno editorial que são as cartas do Tarô, que, hoje em dia, tomou proporções capitalísticas dentro do mercado de artigos esotéricos. “Uma Arte de Fronteira”, tese a qual me referi, nos apresenta baralhos das mais diversas temáticas

¹¹ Adj. Referente à adivinhação ou aos instrumentos dessa prática (pesquisa google, 2018)

¹² Neste trabalho irei me ater aos processos psicológicos e sociais da prática do Tarô, não entrarei em matéria de formas e diferentes organizações de tirar as cartas.

¹³ A respeito do movimento *NEW AGE* que retoma certas práticas “ocultas” e as trazem ressignificadas para o nosso presente como práticas que vão em desencontro com as metodologias da medicina e terapias racionais comumente utilizadas, (conferir item 4).

¹⁴ Tarólogo: aquele que se ocupa do estudo da estrutura que envolve as cartas do tarô. (NAIFF, 2012)

¹⁵ Tarotista: é a pessoa que usa o tarô para fins taromânticos (previsão, adivinhação ou aconselhamento). Nem todo tarólogo é tarotista e nem todo tarotista é tarólogo. (Idem.)

que foram adaptados dentro de alguns arquétipos para a leitura do jogo, o que, para alguns tarólogos “tradicionais”, pode não compreender a totalidade dos arquétipos iniciais. Arroniz argumenta sobre a “reconstrução de arquétipos similares com diferentes devires”, em que múltiplos diálogos e narrativas provenientes de diferentes correntes de pensamento propiciam as mudanças estruturais das imagens arquetípicas nas cartas (ARRONIZ, 2014).

Abaixo segue um exemplo de reconfiguração das cartas de *Tarot*.



Fig.1: Smaug representando A Torre da Destruição

(Tarô de “O Hobbit”; Fonte: <http://newpathstarot.com/wordpress/index.php/the-hobbit-tarot-a-review/#more-3719>)

A ordenação do Tarô, com seus Arcanos Maiores¹⁶ conta uma história com começo, meio e fim; em cada carta é possível visualizar uma numeração no topo da imagem. Começando com o número 1 (I) O Mago e seguindo sucessivamente até o número 21 (XXI) O Mundo. Entre essas aparecem as seguintes cartas: A Papisa, A Imperatriz, O Imperador, O Papa, O Enamorado, O Carro, Justiça, O Eremita, A Roda da Fortuna, A Força, O Enforcado, Morte, Temperança, O Diabo, A Torre da Destruição, A Estrela, A Lua, O Sol e Julgamento, respectivamente enumeradas do número 2 ao 20. Sem numeração encontra-se a carta d’O Louco, pois dentro da

¹⁶ O baralho de tarô completo constitui de 22 Trunfos (NICHOLS, 1980) que são os Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores que são constituídos por cartas similares ao do baralho comum, com naipes e números. Porém, os utilizados neste trabalho e por tarólogos de modo geral, englobam apenas os Arcanos Maiores.

história do Herói ele representa começo ou fim, podendo transitar livremente entre a disposição das cartas.

Cada uma dessas imagens está imbricada de significados em seus símbolos, desde o uso de certas vestimentas, a objetos que compõem a cena e posicionamento corporal das personagens ali representadas.



Fig.2: O Mapa da Jornada do Herói – Tarô de Marselha

(Fonte: NICHOLS, 1988)

Aqui vemos a Jornada do Herói onde, segundo Sallie Nichols em “Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica” (1988), a primeira linha representa o Reino dos Deuses, que evidenciam os principais personagens da Jornada (O Mago, A Papisa, A

Imperatriz, O Imperador, O Papa, O Enamorado e O Carro), a segunda linha é o Reino da Realidade Terrena e da Consciência do Ego: A Jornada de Identidade (em que temos: Justiça, O Eremita, A Roda da Fortuna, Força, O Enforcado, Morte e Temperança) e a terceira e última linha, a última fase da jornada do herói, o Reino da Iluminação Celestial e da Auto Realização (contendo as seguintes cartas: O Diabo, A Torre, A Estrela, A Lua, O Sol, Julgamento e O Mundo). Nessa disposição as cartas conversam entre si também através das sete colunas que estão dispostas, criando uma ligação significativa entre uma e outra.

II.III Os Arcanos e seus Simbolismos

O Tarô é um jogo de cartas contendo primariamente 22 arcanos, que são imagens presentes no imaginário social coletivo, o que Jung chama de inconsciente coletivo; que, em poucas palavras, são representações simbólicas que atravessam a mente de qualquer indivíduo em qualquer cultura e são passíveis da compreensão de todos.

Seguem aqui os Arcanos e suas possíveis representações Arquetípicas, de acordo com Arroniz (2014):

O Louco - A Eterna Criança, O Vagabundo, O Pedinte, O Imanifestado, O Caos, O Viajante, O Herói

O Mago - O Animus, O Feiticeiro, O Embusteiro, O Metamorfo

A Papisa - A Anima, A Virgem, A Velha Sábia

A Imperatriz - A Mãe, A Natureza, A Anima, A Matéria

O Imperador - O Pai, O Criador, O Animus, O Pensamento

O Papa - O Mentor, O Mestre, O Sacerdote, O Profeta, O Santo

Os Enamorados - O Dilema, O Amado, A Escolha

O Carro - A Partida, O Herói, O Guerreiro, O Animus

A Justiça - O Justiceiro, O Mediador, O Teste

O Eremita - O Velho Sábio, O Guia

A Roda da Fortuna - O Destino, A Mudança, A Sorte, O Oráculo

A Força - A Feiticeira, A Bruxa, A Anima, O Aliado, O Ego

O Enforcado - O Sacrifício, O Mártir, A Vítima, A Provação

A Morte - A Morte, A Transformação, A Jornada ao Submundo
A Temperança - O Alquimista, O Curandeiro, O Anjo Guardião, O Guia de Almas
O Diabo - A Sombra, O Adversário, O Sabotador, A Tentação
A Torre - O Destruidor, O Vingador, A Crise, A Epifania
A Estrela - A Alma, O Visionário, A Anima
A Lua - A Noite Sombria, O Inconsciente, A Ilusão
O Sol - A Iluminação, A Consciência, O Despertar, A Reconciliação
O Julgamento - O Salvador, A Libertação, A Ressurreição, A Cura
O Mundo - O Self, A Totalidade, O Paraíso, O Reencontro

As figuras nos Trunfos do Tarô contam uma história Simbólica. À semelhança dos nossos sonhos, elas nos vêm de um nível que a consciência não alcança, e muito distante da nossa compreensão intelectual. (...) podemos fazer melhor a conexão com o seu significado através da analogia com mitos, contos de fadas, dramas, quadros, acontecimentos históricos ou qualquer outro material com motivos similares que evocam universalmente grupos de sentimentos intuições, pensamentos ou sensações. (NICHOLS, 1988, p.23)

Para Arroniz (2014), os arcanos do *Tarot* representam “um receptáculo de inúmeros discursos e narrativas que representam etapas da jornada de autoconhecimento e de aprimoramento espiritual”. Em “O que é Tarô”, Paulo Urban (1992) diz que o tarô é “um mundo simbolicamente muito rico intimamente relacionado com o nosso psiquismo”, revelando a sua proximidade com elementos da vida cotidiana em um nível simbólico. Dentro das práticas ocultas vemos essa enorme variedade de “performances não-verbais” e “mediadores simbólicos” (MALUF, 2004) em diálogo com nosso eu inconsciente.

Levi-Strauss, em 1974, comparou a atividade do Xamã ao psicanalista. O Xamã é quem constrói a narrativa (mito coletivo) para reordenar uma situação de caos ou desordem. No caso da psicanálise, também se elabora uma narrativa visando reordenar uma situação caótica, mas quem constrói a narrativa é o paciente (MALUF, 2004)

Para Maluf (2004), “tarô e astrologia são instrumentos de discurso não verbal, podem ser definidas como uma forma de elaboração verbal de experiência do sujeito e suas vivências”. Assim, as cartas refletem a humanidade contida em seus desenhos, o que às vezes pode passar despercebido em uma consulta ao tarólogo. É de senso comum se angustiar ao tirar uma carta como O Diabo (Fig.3) ou A Morte (Fig.4) pelos significados sociais que elas carregam. Porém, como vimos na lista de representação, fugindo da estigmatização desses símbolos, podemos vislumbrar que a carta d’O Diabo conversa com o nosso eu mais visceral e instintivo, conflitando com as nossas escolhas racionais; e por sua vez A Morte não representa o fim da vida em si, mas um fim de uma fase, ou ciclo, finalizando aquilo que foi vivido até então.

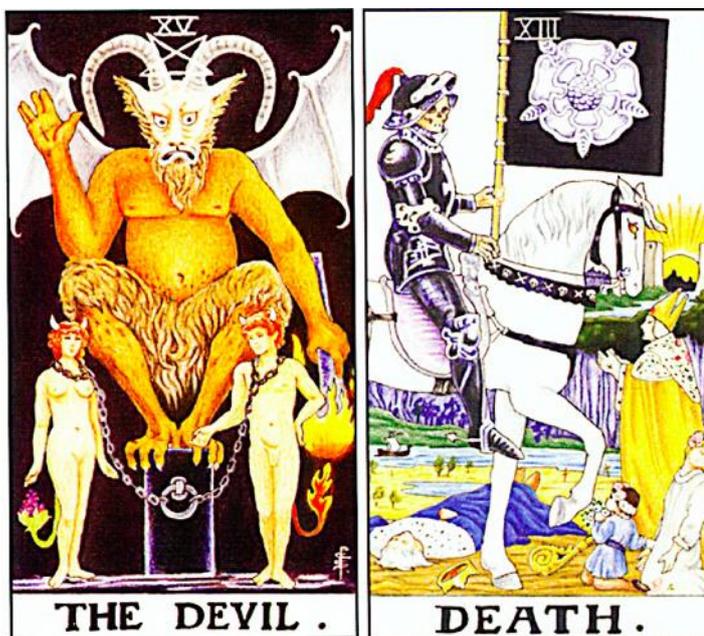


Fig.3: O DIABO

Fig.4: MORTE

(*The Devil e Death* do baralho Universal Waite – versão de Arthur Edward Waite e Pamela Colman-Smith - Fonte: http://www.tarot.com/tarot/decks/universal_waite) (ARRONIZ, 2014).

II.IV Permanências e Nova Era

II.IV.I Da magia ao racionalismo

A trajetória do Tarô dentro da linha da magia ao racionalismo conseguiu permanecer intacta por muitos séculos, mantendo sua popularidade na Idade Média, entre todas as classes, inclusive entre nobres; com sua valorização artística, entrando

na lógica da reprodutibilidade depois do abandono da manufatura, onde o aprimoramento das técnicas de reprodução facilitaram a produção sistemática de itens de consumo.

Enquanto a Igreja Católica perseguia hereges por contrariarem os dogmas da Igreja, o Tarô, nessa época da Inquisição, conseguiu se manter como prática esotérica e permaneceu intacto nas mãos de homens como Santo Tomás de Aquino e Nicolau Flamel, entre os alquimistas da época. (NAIFF, 2012)

Foi relegado ao misticismo na era Iluminista por seus filósofos racionalistas que desvincularam o saber das práticas que não consistiam no conhecimento racional, tornando então essa forma de conhecimento simbólica e imagética pária do pensamento social.

O crescente pensamento racionalista do período Iluminista defendia a não recorrência a especulações metafísicas para a explicação fenomenológica da realidade. (...) A Revolução Francesa rejeitava o antigo regime e as instituições religiosas. Muitos indivíduos da época resistiram do império da Razão por meio de expressões artísticas e literárias como o Romantismo o Simbolismo e também o Ocultismo” (ARRONIZ, 2014, p.26)

Hoje em dia vemos uma grande procura pela profissionalização da prática do Tarô, através de cursos de formação, workshops de diferentes durações e também através de plataformas virtuais que oferecem os serviços de taromancia e tarologia, além das outras vertentes místicas, como a astrologia.

II.IV.II O Profissional e a Distinção

Neste ponto, irei aprofundar como essas práticas místicas hoje se transformaram em terapias alternativas (não excluindo a possibilidade de um acompanhamento terapêutico convencional) muito procuradas por indivíduos.

Depois dos alquimistas e da corte, o Tarô permaneceu forte, porém por trás das cortinas dentro de uma seção “oculta” que abrangia as formas mágicas e místicas

de encarar o mundo; a astrologia, a numerologia, o tarô, a cabala, o I Ching, a medicina ayurvédica e diversas outras vertentes que se perderam da hegemonia por ter uma pegada divina e mística.

Passando-se um tempo desde a reforma iluminista no conhecimento, um movimento intitulado *New Age* ou “Nova Era” trouxe de volta à “luz do conhecimento” todas essas práticas que haviam sido relegadas ao “esquecimento” do oculto. Vinda de uma *contracultura*, revolução-mãe *hippie* dos anos 70, o movimento da Nova Era traz consigo esses profissionais *alternativos* às práticas convencionais racionalizadas. Segundo o artigo de Sônia Maluf (2004), essas práticas trazem consigo um empoderamento do indivíduo e a emergência do sujeito, elas trazem novas formas de espiritualidades com práticas terapêuticas não-convencionais, que trabalham em uma lógica diferente da lógica de consultórios e horários fixos de atendimento. Existe uma importância cênica na organização do consultório advindo da cultura *New Age* que difere “dos consultórios convencionais que apresentam ambientes frios e distantes e demarcam a distância social entre médico e paciente” (MALUF, 2004)

De acordo com Maluf (2004), essa ressurgência das práticas “pré-científicas” com o movimento *New Age* é advindo das classes médias urbanas que consegue conquistar um espaço de permanência dessas práticas mágicas e místicas em um lugar específico na sociedade, procurando contornar a lógica racional-científica que ainda cria barreiras para o ofício do tarólogo; abordarei mais sobre isso no capítulo III.

O trabalho de Fatima Tavares “*Tornando-se Tarólogo: Percepção “Racional” versus Percepção “Intuitiva” entre os iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro*” trata sobre o desafio que é a formação de um Tarólogo, um ofício, que antes era ilegal¹⁷, hoje é reconhecido pelo Ministério do Trabalho¹⁸ e como a prática mágica “intuitiva” não é o único recurso de uma prática que através da sua “vertente psicologizante” constrói um “método de trabalho sistemático” (TAVARES, 1999), compartilhando um padrão de ensino equivalente à lógica racional-científica.

¹⁷ A atividade foi considerada contravenção entre 3/10/1941 até 27/11/1997 (Fonte: http://www.clubedotaro.com.br/site/p57_prof_nei.asp)

¹⁸ A lei federal 9521 (27/11/1997) revoga o decreto-lei 3688 (3/10/1941) que enquadrava as atividades oraculares como contravenção penal (tarô, runas, astrologia, I Ching, vidência etc.). Assim, a partir de 9/10/2002 o Ministério do Trabalho reconhece o tarólogo e o cartomante (entre diversos segmentos esotéricos) como ocupação profissional sob o código 5168-05. Agora, o tarólogo/tarotista tanto pode ser autônomo quanto um empregado com registro na carteira profissional. (Fonte: https://www.facebook.com/permalink.php?id=171216602935325&story_fbid=605054182884896 - Recanto Esotérica página no Facebook. Post 17/10/2013)

Como tratamos no capítulo I, a autora discorre sobre o processo do *ethos* burguês racional que Weber traz em seu conceito sociológico de *desencantamento do mundo*, na qual a lógica racional-científica moderna (iluminista) impera fortemente e como lidar com o contraste entre o pensamento iluminista e um pensamento “não-moderno” (alternativo, místico). E de que forma aqueles que se envolvem no ofício do tarô procuram quebrar a lógica racional em uma “nova forma de percepção de si mesmos e do mundo, no intuito de criar alternativas a uma realidade cotidiana (...) desencantada” (TAVARES, 1999, p. 99) numa tênue linha entre o conhecimento e estudo (em uma vertente lógica-racional) dos arcanos e a leitura intuitiva das cartas. Dentro dessa dicotomia entre *Razão versus Intuição*

Uma vez que o processo para tornar-se tarólogo é uma forma de estudo que conversa com a lógica racional de conhecimento, vemos um contraste entre o que a autora diz ser o “domínio intuitivo” e o “domínio racional”, aquele representando um despertar da intuição que se encontra “adormecida” por conta desse processo de racionalização.

CAPÍTULO III

Estigmas

Neste capítulo, irei trabalhar algumas ideias desenvolvidas nos capítulos I e II, que tratam da construção de certas identidades e de como elas são “lidas” e reproduzidas dentro de uma norma vigente. O objetivo é entendermos como as práticas, que fogem do eixo do racionalismo moderno ocidental, baseadas muitas vezes na intuição e em sensações corpóreas e energéticas, são “lidas” e entendidas em um imaginário coletivo. Explorarei como os significados são construídos e fixados, dando nomes e “tipificando” identidades, inserindo cada uma em um lugar, às vezes canonizando e garantindo um lugar de destaque, às vezes demonizando e marginalizando. Dentro dessa construção de sentido, há uma tendência em dicotomizar, ou seja, dividir em dois; estes geralmente sintetizados em positivo/negativo, bom/ruim, benéfico/maléfico, assim como em outras áreas humanas, como a compreensão de sexo e gênero, homem/mulher, masculino/feminino, mas não entrarei nessa última discussão por agora. Irei me ater à construção de um gosto que preza por algo “bom” enquanto afasta o “ruim”, em que se procura meios para se distinguir e menosprezar o “outro” enquanto o “igual” permanece bem-vindo e acolhido.

Para desenvolver esse raciocínio, dividi este capítulo em duas partes; primeiramente, irei desenvolver os conceitos que argumentam esses estigmas e estereótipos. Me apoio em diversos autores nesta primeira parte, entre eles, professores da Universidade Federal Fluminense; sociólogos renomados como Pierre Bourdieu, que trabalha lógicas de gosto e distinção social; Stuart Hall, com noções de identidade; e Homi K. Bhabha, tratando da questão de estereótipo; encontrados em artigos e capítulos de livros. Em segundo, irei comentar a respeito das pesquisas que fiz através de questionário com pessoas que praticam o *Tarot*, evidenciando a metodologia que utilizei, narrando as experiências e diálogos que obtive e desenvolvendo um argumento final para o meu projeto.

III.1 O Conceito

No artigo de 2007, “*Sensacionalismo e modernidade: como uma relação intrinsecamente ambígua se transformou em estratégia de distinção cultural?*”, Ana

Lúcia Enne e Wilson Borges discorrem sobre como uma identidade – de classes e narrativas menos favorecidas – é construída e disseminada por outros que detêm capitais, de acordo com a noção de distinção em Bourdieu, sendo eles simbólicos, econômicos, culturais e sociais, que garantem maior alcance de fala e representação simbólica.

Para Bourdieu (1979), assim como na geografia, os indivíduos se encontram em “campos” sociais, sendo eles a família, a escola ou a instituição de estudo superior, a Igreja, o local de trabalho etc. Esses campos têm certa autonomia, mas quanto maior a influência de um campo, mais ele ameaça a autonomia de outros campos. Em cada âmbito, os indivíduos acumulam certos conteúdos que Bourdieu chama de “capital”, fazendo ponte a uma lógica econômica. O acúmulo desses capitais garante uma distinção do indivíduo em comparação ao próximo e o escala numa maior hierarquia de poder e de potência de significação. Como disse no parágrafo acima, esses capitais são categorizados em quatro tipos; o **econômico**, que é o acúmulo monetário e investimento financeiro de um sujeito; o **social**, que consiste em títulos concedidos e adquiridos, como o título de Nobre em uma sociedade feudal ou o título de Doutor dentro de um âmbito acadêmico, a autoridade do pai em uma família moderna dentro da lógica patriarcal, as redes que um sujeito possui, suas relações afetivas e tradicionais, dentre outros; o **cultural**, que, para Bourdieu, é o acúmulo de conteúdo presente em atividades culturais, livros, filmes, músicas, aprendizado de línguas etc.; e o capital **simbólico**, que representa todo capital acumulado, que garante uma certa autenticidade para o indivíduo ter a potência de gerar significado e de legitimá-los, sua capacidade de nomear e definir identidades e alteridades.

A respeito da noção de gosto, que também é discutida por Bourdieu em “*A Distinção*”, livro de 1979, cria-se uma capacidade de separar o que é “bom” do que é “ruim” e tentar nortear os indivíduos ao que é “digno” de ser consumido e o que não pode ser considerado apropriado. Isso entra tanto em uma lógica de consumo, como também em possibilidades de viver a vida, normatizando certas ações e condenando outros modos que não condizem com a ordem estabelecida pela hegemonia vigente. Essas legitimações de bom *versus* ruim, certo *versus* errado são criadas por uma camada social detentora de capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos, que determinam a um nível simbólico o que você deve fazer para estar inserido num padrão considerado “certo”.

Por muito tempo, o confronto entre alta cultura e cultura popular foi a maneira clássica de se enquadrar o debate sobre o tema — em que esses termos se viam inevitavelmente atrelados a uma poderosa carga de valor (grosso modo, alta = bom; popular = degradado). (HALL, 2013, p.19)

No artigo de Enne e Borges (2007), o objeto a ser tratado como “relegado”, “rebaixado”, “inferior” é o sensacionalismo na imprensa seja ela televisiva, em jornais ou revistas, etc. Para compreender como o sensacionalismo foi tachado como uma “cultura inferior”, os pesquisadores fizeram uma análise sobre o desenvolvimento da modernidade e do **sujeito moderno** que atua nessa sociedade e de que forma esses fatores influenciaram na questão do gosto, que difere daquele vivenciado na Idade Média pelas sociedades rurais da época. Assim, “(...) a ilusória distinção entre cultura popular e cultura erudita estaria a camuflar uma distinção fundada no gosto onde esta última consumiria aquilo que é nobre, sublime, culto, e aquela o mundano, baixo, o vulgar.” (ENNE; BORGES, 2007, p.2)

Ao analisar essa dicotomia entre cultura popular *versus* cultura erudita; baixa *versus* alta; razão *versus* emoção, é possível vislumbrar que a diferenciação se dá baseada em uma construção narrativa em cima do que é “bom” e o que é considerado “ruim”, dentro de uma “estratégia de distinção cultural e social” (ENNE; BORGES, 2007). Repito aqui as expressões utilizadas por Enne e Borges para o entendimento de “cultura” em seu sentido amplo como “arena de disputas e conflitos”, “espaço de mediação e de hibridização, de produção de sentidos e significados”. Essa produção de sentido revela uma “disputa por produzir memória e identidade” e para essa análise é importante adotar um ponto de vista que fuja do estreitamento de sentido que a lógica dicotômica entre bom x ruim traz. A cultura fluida, como é, apresenta polifonias em sua construção, além da possibilidade de fugir do binário.

A estratégia de construção de significado, advinda de classes privilegiadas para se fixarem e estabelecerem poder dentro de uma hegemonia, traz consigo uma questão de “antagonismo social” e, apesar do artigo de Enne e Borges trazer isso dentro de uma sociedade moderna, vemos que essas estratégias são utilizadas desde sempre como garantia e permanência de poder, tanto pela nobreza da Idade Média

quanto pela manutenção da dominação clerical da Igreja, que constroem significados para manter uma determinada ordem que eles julgam correta, produzindo lugares “fixos” como a estratificação de classes e hierarquia de poderes. O caso que analisamos nos capítulos anteriores sobre a caça às bruxas nos evidencia fortemente essa necessidade de manter a sociedade em ordem, condenando todos aqueles que não seguiam os dogmas católicos, a crença no Deus Uno e na absolvição dos pecados diante um representante de deus.

Nós concedemos sentido as coisas pela maneira como as *representamos* - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos. (HALL, 2003, p.21)

Retomando, por exemplo, a imagem do Demônio na carta do Tarô no capítulo II, é possível traçar a construção de sua imagem degradada como “aquele que faz o mal” desde a época da Inquisição com uma forte construção do imaginário coletivo da época para um propósito: manter a ordem instaurando uma ideia “demonizada” daqueles que negavam e contrastavam com o *ethos*, com o modo de vida, definido pela Igreja, este de extrema fé e devoção a uma crença de boas virtudes no plano terreno para a garantia da entrada no céu após a morte. A imagem do Demônio nasce da necessidade de criar um contraponto a Deus. Uma criatura tão poderosa quanto o próprio Deus a ponto de ter a capacidade de possuir corpos. Essa narrativa de perseguição e terror, repetida ao longo de séculos, fixou significados em diversos indivíduos que foram julgados de serem passíveis à possessão do demônio, ou a serem a própria encarnação do mal, como as mulheres e mais tarde os colonizados das Áfricas nas colônias, legitimando sua perseguição, as fogueiras, a colonização, a escravidão e dominação. Essa mesma lógica de fixidez de sentidos (BHABHA, 2013, p.105) é o que garante toda uma lógica de discriminação de práticas e indivíduos que ameaçam uma desordem na ordem social instaurada por certas instâncias.

Como Enne e Borges demonstram, tais dicotomias se acirram no processo histórico da modernidade, ao qual nos referimos no capítulo I, principalmente em função da secularização e do desencantamento racional do mundo, com a hegemonia da produção do conhecimento científico sobre as demais formas de saberes, especialmente as matrizes populares, da oralidade e regidos pelo pensamento mágico.

“O século XIX é o momento histórico onde se busca apagar os vestígios da circularidade, da polifonia dessas matrizes, que são processuais (embora saibamos que tais vestígios não poderiam ser, de fato, apagados devido ao caráter circular da cultura). (...) ao forjar o dualismo razão/emoção, o projeto iluminista relegou ao segundo o espaço dos excessos, dos sentimentos, das sensações, em uma negação do caráter constitutivo ambíguo do imaginário ocidental.” (ENNE; BORGES, 2007, p.10)

Na modernidade, época focada pelo artigo de Enne e Borges (2007), vê-se de suma importância analisar a construção da personalidade do homem do século XIX, sustentando as transformações causadas pela reconfiguração social entre a cidade rural da época feudal e a cidade urbana após as revoluções industriais e o desenvolvimento de tecnologias como eletricidade e automóveis. Para analisar esse momento, Enne e Borges se utilizam de autores como Sennett, Simmel e Singer para fomentar sua argumentação. Aqui, irei usufruir dessas análises para explicitar, através da fala deles, a condição do homem moderno e como é importante a sua configuração dentro dessas transformações sociais.

Em épocas feudais apareciam, em sua maioria, relações do tipo comunais, onde os laços entre as pessoas era mais próximo e imperavam mais laços de familiaridade com o outro e um conhecimento amplo de seus afazeres, afetos e preferências. Na cidade moderna, as relações são mais distanciadas em que “sai a relação sujeito-sujeito e entra a eu-objeto”, (ENNE; BORGES, 2007, p.3), uma vez que o “objeto passa a ser fonte de subjetivação” (Idem) enfatizando uma cultura de consumo e aparências em detrimento de uma dinâmica troca interpessoal. Essa mudança acarreta diretamente em uma mudança na personalidade do sujeito urbano, alterando também suas relações sociais, que se desenvolve a partir de uma distinção para com o outro.

(...) a metrópole confere ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal que não tem qualquer analogia sob outras condições (...) a sociedade liberta, enquanto a comunidade aprisiona. A comunidade dá visibilidade, expondo, enquanto a metrópole protege. (ENNE; BORGES, 2007, p.5)

Além da aproximação ao consumo desenfreado da lógica capitalista, voltamos à ideia que tratamos no primeiro capítulo com Campbell, e como esse consumo recai em um lugar de suprir satisfações que são psicologicamente necessárias nessa nova sociedade urbana, que, como Simmel diz, é “hiperestimulante” (SIMMEL *apud* ENNE; BORGES, 2007, p.5) e tende a transformar as reações do sujeito a uma atitude *blasé*.

Essas relações que permeiam o sistema capitalista e servem de “óleo” para sua engrenagem, com a necessidade do consumo e distinção, garantem a permanência desse *self* psicológico, para, de acordo com Simmel, “preservar a autonomia e a individualidade” (ENNE; BORGES, 2007, p.4). Porém, como podemos constatar, esse óleo amacia as engrenagens de um sistema que sobrevive através de uma lógica parasitária e de dominação; a dominação do outro, a dominação da natureza, a dominação da mulher... e estudos¹⁹ comprovam o aumento do adoecimento psicológico desse sujeito moderno com doenças típicas da cidade e do estímulo urbano como a ansiedade, a depressão, além da insatisfação pessoal e pressão para se manter nos padrões exigidos pelo sistema e a destruição da natureza.

A multiplicidade de diálogos existentes se atravessam em todas as construções narrativas, sendo também múltiplas em sentidos, vemos uma mentalidade ressurgente que combate as normatizações fixas. Assim como eram construídas mitologias cosmológicas para a explicação do nascimento do mundo nas sociedades pré-científicas, hoje criamos, como enunciei anteriormente, mitologias com função sociológica, mantenedoras de uma ordem social criada, convergindo com a ideia de estigma, então vemos propagandas e discursos que reforçam uma ideia criada a

¹⁹ Depressão afeta 322 milhões de pessoas no mundo, segundo dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (...) referentes a 2015. Em 10 anos, de 2005 a 2015, esse número cresceu 18,4%. A prevalência do transtorno na população mundial é de 4,4%. (Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/depressao-cresce-no-mundo-segundo-oms-brasil-tem-maior-prevalencia-da-america-latina.ghtml>)

época da Revolução Industrial que a mulher deve ficar em casa para reproduzir filhos e tomar conta deles e do lar, enquanto o homem é aquele que sai e vai trabalhar.

Esse é um de vários exemplos que podem ser dados como narrativas fixadas. São métodos de reforçar discursos que inserem indivíduos e normas em “caixas” que são difíceis de abrir e criar novas formas de significação para o discurso. Isso acontece na representação de classes oprimidas como acontece com as mulheres, negros, mulheres negras, LGBTQ+, etc. Porém, há uma disputa para reverter essas mitologias estreitas consolidadas com novas mitologias elaboradas e empoderadas, como a imagem da mulher que trabalha, se diverte, sai com amigos e cuida do seu *self*, procurando autoconhecimento, tirando cartas no tarô ou recorrendo a um acompanhamento semanal terapêutico para tomar conhecimento e enfrentar situações complexas ou meditando em recolhimento ao tempo corrido da sociedade, sem a necessidade de seguir a mitologia de que mulher deve ser mãe, reconhecendo suas potências para produzir outras narrativas e construir a própria identidade.

Ao longo das mudanças sociais e econômicas, os fluxos foram constantes em todas as direções, sejam elas hegemônicas ou contra culturais (essas que estão marginalizadas e buscam uma forma de se fazer ver e ouvir), garantiram apropriações e reapropriações culturais, gerando novas formas de significados e, de acordo com estudos desenvolvidos por Bahktin, esses sentidos múltiplos são construídos de uma forma polifônica em que todos têm voz e garantem uma troca dialógica. Essa noção nos é útil para compreender as mudanças e algumas permanências, mesmo que “ocultas” de formas novas e antigas de viver o mundo se adaptando ao modelo moderno de sociedade. As reapropriações polifônicas nos trazem maneiras reconstruídas de enfrentar as mazelas que causamos a nós mesmos e à sociedade na qual vivemos, apropriamos ensinamentos para sabermos sobre nós mesmos, de que forma podemos fugir das ansiedades e paranoias que o espaço urbano derrama sobre nós. A prática de meditação, yoga, a busca pelo autoconhecimento através do Tarô, terapias alternativas às práticas positivistas de análise, podem ser enxergadas como um retorno do nosso eu pré-moderno em convergência com o nosso eu pós-moderno que criam novas narrativas e mitologias que vão além do que podemos enxergar com nossa visão treinada para o dualismo, para a competição e a finalidade de elevação econômica e social.

III.II Práticas e Estigmas

A intenção inicial do projeto era responder a perguntas para as quais tive a pretensão de encontrar respostas; quais seriam os estigmas que atravessam o tarô e suas práticas e por qual razão seu misticismo é considerado “bruxaria”? Porém, por mais que certos estigmas já pertençam ao senso comum com a estigmatização e o estereótipo reproduzido incessantemente, me deparei com mais perguntas que chegaram a mim na procura de respostas. Ao ler o texto “Tornando-se Tarólogo: Percepção "Racional" versus Percepção "Intuitiva" entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro”, de Fátima Tavares, esbarrei numa questão que até então não condizia com a linearidade em que eu levava o meu pensamento a respeito do objeto. Nesse texto, como eu disse anteriormente, ela discorre sobre a dificuldade em equilibrar a racionalidade do estudo do tarô com a intuição, o *feeling* sensível necessário para a leitura e compreensão das cartas, pareado com a situação trazida pelo consulente. A distinção entre tarólogos e cartomantes gera uma divergência na legitimação do conhecimento, enquanto tarólogos se apoiam no estudo racional para legitimar sua prática, há um certo preconceito com cartomantes que supostamente se apoiam em seus “dons” sensitivos, sua intuição aflorada como “venda” ilegítima da possibilidade de ler o futuro.

Para os tarólogos, o trabalho das cartomantes não pode ser analisado segundo os mesmos princípios que caracterizam o aprendizado do tarot: o “desabrochar” da “intuição” a partir de um *trabalho* específico, onde a legitimação de ordem racional-analítica moderna desempenha um papel fundamental. (TAVARES, 1999)

Com essa informação, permito dizer que fiquei com uma pulga atrás da orelha, pois, ao analisar como práticas mágicas são desmerecidas como fonte de conhecimento ao longo dos séculos por conhecimentos científicos reconhecidos como legítimos e corretos, encontro, dentro do próprio campo social em que inseri o tarot e intitulei de “práticas mágicas e místicas”, a mesma lógica de distinção entre sujeitos. Após esse embate, adotei a visão que Tavares traz das cartomantes configurando um

grupo social diferente dos tarólogos, considerando a prática das cartomantes distinta em um viés de conhecimentos advindos de práticas populares²⁰, uma vez que, após o advento da Nova Era, os conhecimentos mágicos e místicos foram “trazidos à tona” pelas camadas médias, muitas vezes através de cursos e workshops trazendo um abismo à possibilidade de acesso a certos tipos de conhecimento que, aparentemente, são garantidos exclusivamente aos tarólogos. Chamo de conhecimento popular esse conhecimento “informal”, de conhecimento geracional, de mãe para filha, ou conhecimentos gerados através de empirismos e experiências, considerando que o acesso a conhecimento e estudo formais (racionais) ainda são bastante restritos à maioria da população, em matéria financeira.

Com isso, escolhi fazer uma pesquisa através de questionário²¹ com indivíduos que exercem a prática do Tarô como atividades profissionais e ver se de alguma forma eles se afirmavam categoricamente distintos da cartomancia. Para isso, desenvolvi um formulário com perguntas que abrangem desde a quantidade de estudos que o sujeito acumulou a ponto de se considerar tarólogo, até perguntas diretas como “você se considera tarólogo ou cartomante?”, pedindo a explicação palpável à resposta e, também, qual a consideração a respeito de dificuldades e obstáculos ao se inserir no mercado como forma legítima de profissão.

Primeiramente procurei acessar grupos no Facebook que tivessem indivíduos que se encontravam dentro do rol de práticas mágicas e místicas. Com essas perguntas, eu tinha hipótese de: quem se denominasse tarólogo destacaria a importância do seu estudo como autenticidade, como fui induzida a pensar após o artigo de Tavares (1999) sobre o processo de se tornar tarólogo e ao rigor de Nei Naiff (2012) em afirmar a ciência nos estudos do Tarô, sendo uma forma de legitimar seu conhecimento em oposição ao conhecimento “não legítimo” de cartomantes que são consideradas pelo seu apelo ao “dom”.

(...) as cartomantes não poderiam desenvolver a dimensão do “autoconhecimento” tão presente no discurso dos tarólogos. (...) é

²⁰ Com o adjetivo “populares” quero dizer; além de uma maioria quantitativa de pessoas que vivem em território brasileiro, a um raio menor e mais acessível, em território fluminense; também como signo que carrega consigo a noção estigmatizada de prática “menor”, menos legítima.

²¹ Arquivo com perguntas e respostas anexado na página 50.

preciso delinear as diferenças em relação às cartomantes. O caráter divinatório destas é visto com preconceito pelos tarólogos, na medida em que a ênfase recai sobre uma suposta “capacidade nata”. Tal aptidão tenderia a favorecer uma leitura fantasiosa. (TAVARES, 1999)



Fig.5: Grupo 1.



Fig.6: Grupo 2.

Acima evidenciei os grupos aos quais tentei acesso, enumerando-os como Grupo 1 e Grupo 2. Após responder perguntas padrões determinadas pelos administradores do grupo, fui aceita no Grupo 1 e pude fazer uma publicação na

página lançando minha intenção e adicionando o link do questionário através dos formulários do Google. Apesar de englobar muitos usuários, as publicações no Grupo 1 geralmente não alcançavam dois ou três *likes*, tendo um alcance bastante limitado o que incapacitou a possibilidade de respostas à minha pesquisa.

No Grupo 2, fui conversar com a administradora que se intitula “Maria Mística” antes de requerer a minha participação, como era um grupo que abrangia cartomantes achei que poderia enriquecer a pesquisa tendo a fala dessas mulheres²² presentes nas respostas. Porém, ao comunicar toda a minha intenção via *chat* com a administradora, ela não demonstrou interesse em participar da pesquisa nem de responder ao formulário, limitando assim minha presença no Grupo 2.

Após essas tentativas, resolvi recorrer ao Facebook atrelado a mim e realizei uma postagem perguntando aos meus amigos da rede se havia alguma indicação de tarólogos disponíveis para auxiliar na pesquisa monográfica. Entrei em contato com 2 (duas) conhecidas e 11 (onze) indicados através minha rede virtual e pessoal. Ao todo, 6 (seis) pessoas responderam ao questionário. Recolhi as informações com o auxílio do formulário comentado anteriormente, através da plataforma do *Google Drive*.

Nas respostas que obtive é interessante ressaltar que 100% dos entrevistados possuem grau superior, uma delas sendo graduanda e outra pós-graduada; três entrevistados responderam que têm como profissão a tarologia ou alguma outra vertente das práticas místicas, como a Terapia Holística. Houve um consentimento entre os entrevistados sobre a diferença essencial entre tarólogos e cartomantes ser a utilização de diferentes baralhos, que não os de *Tarot*, uma vez que existem diversos baralhos ciganos e outros tipos que não tive a oportunidade de abordar nesse trabalho e realizar uma pesquisa a fundo sobre suas ilustrações e como essas conversam com nosso *self*. E como as práticas que envolvem o baralho cigano seguem uma lógica de leitura de futuro.

Em uma conversa com um dos entrevistados, entramos na discussão sobre “charlatanismo”, que é mais associado à prática dos processos divinatórios e de leitura de futuro, onde ocorre esse “apelo” à venda de uma leitura futurística. Ambos concordamos que a leitura do futuro é uma leitura imprecisa, já que o indivíduo possui o livre arbítrio de atuar como deseja com a informação recebida pelas cartas, que não é fixa em um sentido único. Uma resposta de um outro entrevistado complementa bem

²² Aqui uso a fala de Tavares (1999), “Falo em cartomantes no feminino por que no Brasil são uma minoria os homens que se dedicam a essa prática”.

o que digo, ele comenta “como vidente, acredito que o preconceito é bem maior, pelo medo que ainda muitas pessoas tem de descobrirem alguma desgraça no futuro. A futurologia é algo que fascina e ao mesmo tempo apavora as pessoas. Não associo meu trabalho à futurologia, as tendências que a mente reflete hoje, acabam criando o futuro de amanhã”.



Fig. 7: Exemplos de cartas de baralhos ciganos²³

Todos os entrevistados se consideraram tarólogos; três dos entrevistados afirmaram ter atendido a cursos especializados de carga horária que variaram de 8 meses a 4 anos; um autodidata; e dois não especificaram seus estudos. Houve uma variação grande entre o tempo de estudo geral registrado, variando de 1 a 3 anos os tempos de menor duração e os de maior duração variaram entre 8 anos de estudos a 24 anos; “é o estudo de uma vida, continuum”²⁴.

A respeito dos obstáculos e dificuldades: todos afirmaram haver preconceitos a respeito da profissão, que às vezes envolve o medo do desconhecimento da prática. Uma das entrevistadas afirmou: “sim, existe uma mistificação e desrespeito das pessoas. também praticantes da arte oracular ajudam ao não se posicionar de forma a combater o preconceito”. Isso confirma as estigmatizações consolidadas a respeito

²³ Fontes: <https://www.iquilibrio.com/blog/wp-content/uploads/2017/06/ancora2-186x300.jpg>; <https://www.iquilibrio.com/blog/wp-content/uploads/2017/08/a-cegonha-179x300.jpg>; <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTXVNOMFQxnVbCmBiQSbk3B-S29ilRcJn1YvTDEvZWHOvzJCusn>

²⁴ Fala de uma das entrevistadas.

das práticas mágicas e místicas, que são vistas como um conhecimento oculto e díspar.

Infelizmente não tive contato com nenhuma pessoa que se intitulou apenas cartomante, com o uso de cartas de baralho estritamente cigano. Suponho que seja por uma falta de proximidade pela minha bolha social; mais uma vez, hipóteses sobre cartomantes terem um conhecimento próximo à lógica popular, misturando-se com outras práticas, como a tirada de búzios. Faço disso um *mea culpa* de não ter me inserido fora da minha área de influência, mas preferi manter a pesquisa apenas sobre a prática do tarô e não aprofundando em práticas que utilizam outros tipos de cartas, procurando encarar minha hipótese de que práticas mágicas, ainda que reduzidas e estigmatizadas como conhecimento menor, têm, dentro da sua própria lógica, a mesma tendência de diminuir as formas de (auto)conhecimento e criação de mitologias, como direcionador de suas próprias vidas, advindas das camadas populares da sociedade.

Considerando as falas registradas, algumas considerações a respeito do trabalho devem ser feitas. Reunindo todas as referências bibliográficas e as conversas com os agentes do objeto escolhido, o Tarô, trago nas próximas páginas conclusões de como as práticas sociais são formatadas em um padrão único e binário onde há uma certa obrigatoriedade normativa em segui-lo. Mas isso não deve ser tomado como único recurso.

Conclusão

Considerações Finais

“Peço licença para praticar algumas estripulias. Farei isso invocando e encarnando o poder que é próprio a toda e qualquer forma de invenção. Apostarei nas potências daquele que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. As travessuras aqui praticadas se darão na busca por desatar alguns nós. A brincadeira será essa: desatar os nós para lançar novas amarrações.” (RUFINO, 2018)

Nesta epígrafe, retirada do texto de Luiz Rufino (2018) sobre Exu e a pedagogia das encruzilhadas, trago ideias que motivam a construção da minha conclusão para essa pesquisa. Resumidamente, a ideia que Rufino traz na “Pedagogia das Encruzilhadas” é trabalhar a figura do orixá iorubano Exu e os signos que ele carrega como agente transformador, o que nos leva a considerar os caminhos, múltiplos, “enquanto possibilidade, e não como certeza” (RUFINO, 2018), a última sendo a vigência de pensamento dualista de certo *ou* errado, razão *ou* emoção que nos é apresentado como única saída possível. A mitologia de *Igbá Keta*, o Senhor da terceira cabaça, em que Exu, ao ter de escolher entre duas cabaças contendo elementos positivados em uma e elementos negativados em outra, escolhe uma terceira cabaça vazia onde ele mistura ambos os elementos e os sopra ao universo, criando um terceiro elemento diferenciado daqueles dois únicos apresentados. Rufino traduz isso como uma “potência de ambivalências”, “imprevisibilidades” e “transformações”, significados estes que compõem o signo de Exu. Assim como Exu, O Louco nos baralhos de tarô carrega esses mesmos signos da criatividade, caos, espontaneidade, aventura, irreverência e outros... Lançando-se no mundo de forma inocente em suas estripulias a caminho da sua jornada, seja ela qual for.



Fig. 8: O Louco



Fig. 9: O Louco de Rider Waite

(Fontes: <https://i.pinimg.com/originals/29/ae/0c/29ae0cee7906c47b326be9724c79733a.jpg> ;
https://cdn-images-1.medium.com/max/1480/1*Yn5_HWunnZcaPqtrXzc2eQ.jpeg)

Os saberes e reflexões adquiridos através da pesquisa realizada nesse projeto e as trocas com os entrevistados, praticantes do Tarô, através da análise histórica das origens mitológicas e sociais que moldaram o imaginário moderno, evidenciam um campo de disputas, com vigências, padrões, normatizações e buscas por brechas de escape. Cada um, com seus empirismos próprios, traduzem mundos simbólicos distintos que às vezes se sobrepõem, mas que estão sempre presentes e latentes. Um olhar para dentro de nossos *eus* elucidada, através de práticas mágicas, místicas, esotéricas, energéticas, naturais, novas possibilidades de fazer e ser, conquistando vitórias em meio a um caos transformador e consolidando conquistas em nós mesmos a um nível psicológico e corporal, combatendo as vigências morais e sociais, flexibilizando normas com uma potência transformadora que carregamos em nossa jornada e lançamos ao mundo com novo significado.

O surgimento de novas representações e empoderamento do século XXI traça novos caminhos e traz a possibilidade de escolhê-los, como a encruzilhada de Rufino, que “são campos de possibilidades, tempo/espaço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam”, em que podemos consolidar nossos saberes, sejam eles emocionais ou racionais, a atravessarem as referências simbólicas, sejam elas determinantes ou determinadas, gerando assim,

transformação. O Tarô traz isso, essa constante transformação e um continuum de aprendizados ao longo da vida. A jornada do herói não é linear e não é definitiva, as construções não são intactas e não somos escravos da razão e da dualidade. O equilíbrio das potências, a mistura de possibilidades deixam o nosso consciente mais aberto, desconstruindo o binário, aquele que segue lógicas fixas, e cria caminhos por si mesmo como Exu, sua terceira cabeça e O Louco, lançando pensamentos e vivências não-binárias, extremamente legítimas pelas adversidades que atravessam a cada um de nós diferentemente.

Referências bibliográficas:

AFIUNE, Pepita de Souza. **Resenha da Obra O Desencantamento do Mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. Editora 34 Ltda. 2003. Rev. His. UEG – Porangatu, v.6, n.1, p.264-268, jan./jul. 2017.

ARMSTRONG, Karen. **Breve História do Mito**. Tradução: Celso Nogueira. Cia das Letras. 2005, Edição Digital.

ARRONIZ, Leonardo. **Uma arte de fronteira: o fenômeno editorial “tarô” como linguagem estética**. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – 2. Ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. Porto Alegre. Editora Zouk. 2017

BRASILIANSE, Danielle. **As novas bruxas: reatualizações do monstruoso na mídia contemporânea**. Intercom – V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2007.

CAMPBELL, Colin. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Rio de Janeiro. Rocco, 2001.

ENNE, Ana Lúcia S. BORGES, Wilson. **Sensacionalismo e modernidade: como uma relação intrinsecamente ambígua se transformou em estratégia de distinção cultural?** Revista Rumores, Revista Online de Comunicação Linguagem e Mídias ISSN:1982-677X V.1, N.1 (2007).

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução: coletivo Sycorax. Editora Elefante. 2017.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro. Editora Apicuri. 2016

KRAMER, Heinrich. SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras: *Malleus Malleficarum***. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Tempos LTDA, 1991.

MALUF, Sonia. **Mitos Coletivos, Narrativas Pessoais: Cura Ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “Nova Era”**. Scielo, Mana vol.11 no.2 Rio de Janeiro. 2004.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. Editora Cultrix, 1980.

NAIFF, Nei. **Tarô Simbologia e Ocultismo Vol.1**. Rio de Janeiro. Editora Nova Era. 2012

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. Editora 34 Ltda. 2003.

RANDAZZO, Sal. **A Criação de Mitos na Publicidade: Como publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso**. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

RIBEIRO JR, João. **O que é Magia?** Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense. 1982.

RINALDI, Azzure. **A Superstição e a magia na Religião Cristã na Idade Média**. Fonte: Revista Labirinto, Porto Velho-RO, Ano XIV, Vol. 20, p. 5-20, 2014. ISSN: 1519 6674.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Revista Periferia V.10, N.1. 2018.

SHARMAN-BURKE, Juliet. GREENE, Liz. **O Tarô Mitológico**. Tradução: Fulvio Lubisco. Madras Editora, 2015.

TAVARES, Fátima. **Tornando-se Tarólogo: Percepção "Racional" versus Percepção "Intuitiva" entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro.** Revista Numen, v. 2, n. 1 (1999)

URBAN, Paulo. **O que é Tarô?** Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense. 1992.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

ANEXO

03/07/2018

Tarot e Cartomancia - Formulários Google

PERGUNTAS RESPOSTAS 6

6 respostas  

Não está aceitando respostas

Mensagem para os participantes

Este formulário não aceita mais respostas

RESUMO INDIVIDUAL

Nome

5 respostas

cristina@barrosleal.com
Julio Soares
Gabriela Rodrigues
Fábio K Guimaraes
Ana cristina

Nascimento

5 respostas

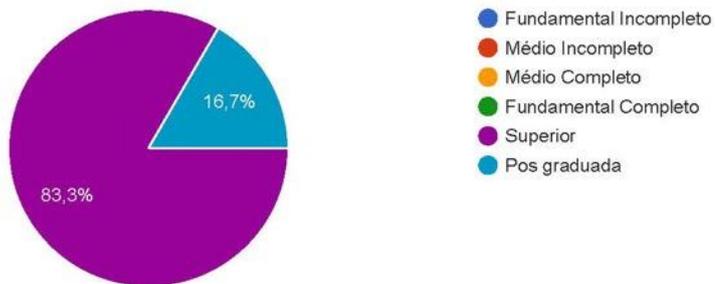
jul de 1964	4
jan de 1972	26
dez de 1989	5
dez de 1994	14

<https://docs.google.com/forms/d/12uFhBRj84v77NyrHJ3ZEmZkl0DflmRgN12Im07OIF3U/edit#responses>

1/5

Escolaridade

6 respostas



Profissão

6 respostas

Psicologia

Professora

Tarólogo e tradutor

graduanda

Terapeuta Holístico

Cromoterapeuta e taroliga

Você se considera Tarólogo(a) ou Cartomante? Por quê?

6 respostas

Sim, taróloga pois utilizo o tarot como uma forma terapeutica

Os dois pq trabalho com varios oraculos

Trabalho com tarô faz oito anos. Ensino e jogo as cartas.

sim, estudei por anos tarô e sua correspondências simbólicas com práticas empíricas

Tarólogo e cartomante

Taróloga porque fiz cursos usando baralhos de tarot

Pra você, existe diferença entre Tarólogos e Cartomantes? Se sim, qual?

6 respostas

Sim o objetivo que se espera em cada jogo, terapêutico ou adivinhatorio

Tarologo usa so o Taro fe Marselhae cartomante usa varios tipos de cartas de ler

Tarólogo, no sentido mais morfológico, fala de quem estuda o tarô. O tarólogo pode ou não ser um cartomante[também chamado de taromante].

não, contudo a prática poderá ter suas diferenças metodológicas e ideológicas

Sim. Existe. Pelo menos na direção que eu uso. Associo mais o tarô ao estudo do autoconhecimento e psicologia. Cartomancia já associo mais a predisposição do momento ou estado mental.

Sim, cartomante tem o dom de interpretar o baralho comum

Como veio a se aproximar da prática?

6 respostas

Com curso e curiosidade

Comprei um taro no jornaleiro e me encantei e comecei a estudar e praticar

Através de livros de história do tarô.

através do ocultismo

Comecei a fazer leituras com baralhos comuns e a partir dai quiz entender melhor o que acontecia.

Sempre fui apaixonada pelas cartas do tarot

Há quanto tempo pratica a leitura de cartas?

6 respostas

Menos de 1 ano

24 anos

Oito anos.

3 anos

10 anos

15 anos

Você teve alguma formação para exercer essa prática (estudo, curso, aprendizagem com mestre, etc.)? Se sim, qual?

6 respostas

Sim, com a Ângela Fusaro

Estudei Taro de Marselha com uma professora durante 3 anos

Autodidata, no início. Cursos de especialização depois.

não

Sim. Varios. Eu uso taro e baralho cigano

Sim, fiz alguns cursos

E por quanto tempo?

6 respostas

8 meses

3 anos

Três a quatro anos.

é o estudo de uma vida, continuum

1 ano. Mas a cada leitura é um aprendizado.

Cada um mais-valia menos 1 ano

E por último: Existem dificuldades e obstáculos para se inserir no mercado como forma legítima de profissão?

6 respostas

Acho que o pré conceito e desconhecimento da prática do taro é um impeditivo

Sim

Sim - há muito charlatanismo rodeando a profissão. Ainda espera-se uma "leitura do futuro", esquecendo do papel semântico-aconselhatório das cartas. Elas não veem o futuro, elas mostram o presente, aquilo que precisamos enxergar de forma objetiva.

sim, existe uma mistificação e desrespeito das pessoas. também praticantes da arte oracular ajudam ao não se posicionar de forma a combater o preconceito

Depende de como o profissional se apresenta. Como vidente ou terapeuta. No meu caso, uso como uma ferramenta para projetar o inconsciente do cliente na mesa e a partir do que ele enxerga, seguir uma direção. Agora como vidente, acredito que o preconceito é bem maior, pelo medo que ainda muitas pessoas tem de descobrirem alguma desgraça no futuro. A futurologia é algo que fascina e ao mesmo tempo apavora as pessoas. Não associo meu trabalho à futurologia, mas as tendências que a mente reflete hoje, acabam criando o futuro de amanhã.

Sim, Ainda muitos preconceitos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 17/07/2018

Eu, **VICTÓRIA MACHADO GUEDES PROCÓPIO**, CPF 104.848.997-32 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**Da magia ao racionalismo: práticas e permanências do Tarô.**” defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

VICTÓRIA MACHADO
VICTÓRIA MACHADO GUEDES PROCÓPIO